

Uma voz de anarquistas ingleses

O importante e velho mensário anarquista de Londres *Freedom* (Liberdade), no seu número de setembro, ocupa-se dos acontecimentos num excelente artigo de fundo, que pela sua extensão não podemos traduzir integralmente.

Depois de comentar justamente a comédia das responsabilidades representada pelos diferentes governos, mostra que as responsabilidades cabem ao capitalismo, á «paz armada», ao Estado, aos governos e aos próprios governados — que não quiseram a revolução, mas tem agora a guerra.

Seguem-se as considerações abaixo traduzidas:

«As imensas riquezas hoje acumuladas nas mãos de poucos não proveem apenas da habitual exploração do trabalhador pelo patrão ou industrial, mas são o resultado de especulações internacionais na grande caçada para domínio dos mercados do mundo. Eis porque o capitalismo foi obrigado em todos os países a aumentar o poder do Estado moderno e a desenvolver o militarismo em tam insensatas proporções. Porque um forte Estado militar e centralizado é a única garantia de realização das modernas tendências imperialistas do Capitalismo por toda a parte. Mas o imperialismo não significa senão a exploração económica de outras nações, sobre a base da exploração do seu próprio povo. Ou por outra, o militarismo é o resultado inevitável do regime capitalista, e portanto causa de incessante luta.

A grande desgraça é que a grande maioria do povo não pode ver esta relação, e muitos mediram a cultura duma nação pela força dos seus exércitos e pelos seus melhoramentos técnicos exteriores. Esse é, porém, um dos maiores erros jamais cometidos. A tal respeito, ofereceu-nos a Alemanha o melhor exemplo. A unidade nacional desse país, sob o governo supremo da Prússia, sobre uma base de extremo militarismo e de omnipotente burocracia, não produziu com certeza o que nós chamamos a cultura germânica. Pelo contrário, essa unidade mostrou-se o maior obstáculo ao desenvolvimento duma verdadeira cultura popular, e sempre tentou coagir as forças espirituais do povo alemão a descer ao nível das casernas.

As mais belas manifestações da cultura teutónica foram produzidas antes de se terem efectuado o sistema militar e a decantada unidade. A filosofia clássica da Alemanha, a sua arte e literatura maravilhosas — tudo isso se desenvolveu quando o país se compunha de pequenos reinos separados, não tendo ainda caído sob a influência e dominação do militarismo prussiano, inimigo da cultura.

A chamada unidade nacional e a conversão da Alemanha num Estado militar foram sem dúvida de grande proveito para o capitalismo germânico, mas de modo nenhum para a cultura do povo tudesc. Sob o poder do militarismo, tornou-se a Alemanha um perigo para o desenvolvimento intelectual da Europa, e uma vitória germânica nesta guerra seria um fundo golpe em todos os movimentos libertários europeus, um golpe no próprio povo alemão.

A violação da França em 1870 e a anexação da Alsácia-Lorena causaram o louco desenvolvimento do militarismo na Europa. Sabem-se também que Bismarck e a classe dos *Junkers* prussianos tentavam fazer á França o que tinha sido feito á Polónia. Para este fim entabulou Bismarck negociações secretas com a Inglaterra, e a França viu-se obrigada a lançar-se nos braços sangrentos do czar afim de manter a sua existência como Estado independente. O resultado disto foi assistirmos ao assustador desenvolvimento do patriotismo por toda a Europa, ao enfraquecimento do socialismo revolucionário e libertário e ao triunfo da temível reacção sob a qual tem até hoje gemido os povos europeus. A guerra actual, o mais monstruoso crime que a humanidade jamais presenciou, é apenas a última pa-

lavra dessa reacção, a última palavra do capitalismo imperial e do Estado militar.

O notável artigo termina encoajando os revolucionários sociais, pois o último acto da presente tragédia pode muito bem ser uma revolução social.

A nossa vingança

Para ajuntar ao que no número passado escreveu o camarada Jordano Bruno, aqui vai mais um depoimento dum jornal socialista democrático, *La Difesa*, de Florença, sobre a social-democracia alemã, outrora objecto da admiração babosa de todos os socialistas parlamentaristas, assim como de todos os politicastas:

«Mas se o socialismo tudesco está todo nas organizações económicas, no grande número de assinantes dos seus jornais, na riqueza dos seus balanços anuais, em que difere e como vale mais que o trade-unionismo inglês, que não precisou de Marx para se constituir em formidáveis proporções, nem para arranjar uma teoria, uma tática, um método, e que nunca pretendeu expropriar a burguesia?»

O mesmo jornal nota com amargura que o partido socialista alemão só soube salvar do actual desastre a sua caixa, que lhe transportou para a Suíça. Perdeu-se a honra, mas está salva a burla!

Quando éramos nós que dizíamos estas verdades duras, chamavam-nos caluniadores. O tempo deu-nos razão: é a melhor e mais generosa vingança.

Coisas historicas

28-1904 Em Gênebra realia-se um importantíssimo comício antimilitarista, promovido pelos grupos anarquistas locais.

29-1879 Pedro Krapotkine e Errico Malatesta são expulsos da Suíça.

30-1892 Sai em Prato (Itália) o primeiro número dum semanário anarquista com o título, *A Questão Social*.

OUTUBRO

1-1894 Publica-se em Coimbra o primeiro número de os *Bárbaros*, revista anarquista.

2-1913 Os ferro-viários de Moscou declararam-se em greve.

3-1893 Jean Grave é encarcerado, em Paris, por causa da 2.ª edição do seu excelente volume, *A sociedade moribunda e a anarquia*.

4-1908 Os operários da Covilhã manifestam-se energicamente contra os reacçãoários reunidos ali em congresso.

5-1913 — Em Buenos Aires, sai o primeiro número dum mensário sindicalista revolucionário com o título, *A Aurora*.

6-1893 — Paulino Pallás é fuzilado em Barcelona, por atentar contra a vida do general sanguinario Martinez Campos.

7-1913 — Droux recusa á policia de Paris a entrega dos documentos relativos ao *Sou du Soldat* (centavo do soldado).

8-1912 — Dalba, que disparou um tiro contra o rei de Itália não o ferindo sequer, é condenado, em Roma, a 30 anos de prisão!

9-1913 — Morel, gerente do diário *Bataille Syndicaliste*, é absolvido num processo de imprensa que lhe movia o delegado do ministério público.

10-1711 — Nasce David Hume, filósofo e historiador escocês. Como filósofo redziu o homem a um idealismo; e como historiador introduziu a filosofia na história.

11-1494 — Morre João Zioka, chefe dos hussitas.

AOS CAMARADAS DE ESPANHA

Pedimos aos nossos camaradas deste país para nos dizerem, se sabem, onde se encontra o camarada italiano Camillo Dozzio, que foi a semana passada para Vigo. Temos urgencia neste pedido que é para lhe enviarmos uma correspondencia de seu pai.

Arbitrariedades

em Evora

Para protestar contra a carestia da vida e a falta de trabalho, realizaram os nossos camaradas de Evora um comício no dia 20 do mez passado. Teia aquela reunião decorrido com toda a tranquillidade se a autoridade local a não viesse perturbar com inqualificaveis prepotencias.

Já se não trata das violencias cometidas a coberto da lei, violencias de todos os dias, a que já estamos acostumados.

Não. Agora as autoridades de Evora violaram a propria Constituição, lei basililar da Republica, á qual todo o cidadão é obrigado a obedecer, segundo elles próprios affirmam. E é interessante constatar que aqueles que fazem as leis e pregam por toda a parte a sua inviolabilidade são precisamente os que mais as calcam e amarfanham sempre que isso se torne necessario á defesa dos seus privilegios ameaçados.

Que nós, os anarquistas, violamos as leis não é caso para extranhar, nem tam pouco para taxar de incoerencia; não fomos nós que as fizemos, nem passamos procuração a ninguem para as fazer em nosso logar; preguemos por toda a parte o desrespeito á lei que se bemos não ser mais que a expressão da vontade dum minoria dominante e privilegiada.

Mas que os sacerdotes da religião da Lei, «quelles que na Catedral de S. Bento lhe entom canticos e louvores, e os seus representantes por esse país alem, sejam os primeiros a desrespeitá-la, a calcá-la aos pés, isso é que é extranhamente paradoxal e incoerente.

A cada passo os oradores eram interrompidos pelo administrador do concelho e avisados de que não podiam continuar as suas considerações.

Já o facto de sermos forças pela lei a participar quiquer reunião á auctoridade, afim de que esta esteja ao facto das nossas opiniões e intentos, nos revolta, por o considerarmos um atentado á livre expressão do pensamento.

E' porem absolutamente vexatoria e insuportavel a attitude desse administrador que, contra a expressa determinação da Constituição, impediu que cidadãos portugueses, no pleno gozo dos seus direitos civis e politicos, exprimissem livremente a sua maneira de pensar.

E' necessario que nos convençamos duma vez para sempre que só ha autoridades despotas onde ha povos que se deixam covardemente esmagar.

Levantemos pois a cabeça!

Não nos deixemos tinarisar!

E quando qualquer administrador nos quizer açaiuar afim de nos impedir de expormos livremente a nossa maneira de pensar, revoltemo-nos e arranquemos violentamente o açaimo. Que os açaimos, como disse um tal Alexandre Braga no tempo da outra sr.ª, fizeram se para os cães...

A ORIGEM DA GRANDE GUERRA

Entre os dois grupos — a Triplíce Aliança e o Triplo Entendimento, — com programas mantidos em segredo de parte a parte, iniciou-se uma porfia doida de armamentos, uma corrida vertiginosa para chegar primeiro a ter um dado momento uma superioridade segura sobre o grupo rival e impôr á este os postulados latrocinosos previstos nos respectivos tratados de aliança ou entendimento. Alguns anos atrás, houve um momento em que o Triplo Entendimento se considerava em condições de superioridade militar e buscava incidentes para vir ás mãos com a Triplíce Aliança. O caso de Algeciras encontrou a Alemanha incompletamente preparada e a partida foi prudentemente adiada, intensificando-se, porém, os armamentos; e todos sabem as somas doidas gastas pela Itália, Austria e Alemanha nestes últi-

mos anos com os exércitos e as marinhas.

Logo que a Triplíce Aliança se julgou em condições de superioridade, iniciou a realização do seu programa de banditismo: a Austria anexou a Bósnia e a Herzegovina, a Itália atacou a Turquia invadindo a Líbia, e o incidente do «Carthage» e do «Manouba» mostrou ao Triplo Entendimento que, por trás da Itália, estavam prontas as outras aliadas. E por isso a França, a Rússia e a Inglaterra correram logo ás trincheiras, intensificando ainda mais os armamentos e votando somas enormes para canhões e navios.

Por sua vez, a Triplíce Aliança compreendeu que lhe convinha precipitar os acontecimentos para não ter que sofrer mais tarde a imposição do grupo rival, e assim a Austria arranjou o primeiro pretexto para agredir a Sérvia, bem

sabendo que daí resultaria a conflagração europeia, antes que a Rússia tivesse terminado os seus armamentos; e imediatamente a Alemanha lançou a sua espada na contenda diplomática e chegou fogue á pólvora com a sua declaração de guerra.

E' ingenuidade ou miopia escandalizar-se ou arguciar com o direito das gentes, a invasão dos territórios neutros e a culpa ou razão do invasor ou do invadido. A guerra era premeditada, ambos os grupos se aprontavam, e as diplomacias estavam á espreita do momento propício ou do incidente admitivelmente coberto com as aparências da justiça, afim de convencer os respectivos povos de que os prepotentes e os provocadores estavam... do outro lado da fronteira.

(DE VOLONTA)

Em volta do meu artigo "O Padre,

Os argumentos de D. Safira

Comparem-se agora estes ídolos do Cristianismo com os dos pagãos, com os das religiões anteriores, por meio dos quais os antigos simbolizavam, já as forças da natureza, já os benefícios provenientes das descobertas que se iam fazendo. Assim é que a descoberta do trigo e portanto das suas vantagens para a vida, a invenção da charrua foram perpetuadas na memória dos homens, simbolizando-as em Deuses. A deusa *Ceres*, por exemplo, representa a agricultura; *Pomona* é a deusa dos fructos; as artes estão figuradas em *Apolo*, um deus; *Minerva*, outra deusa, corresponde á sciência, etc. etc. A cunhagem da moeda teve tambem a sua simbolização na deusa *Jolia Moneta*.

As primeiras moedas de cobre tiveram a sua alegoria no deus *Oesculinus* e as de prata no deus *Argentinus*.

Terminalis era o nome do deus Júpiter sob o qual se figuravam os limites dos campos, os termos.

A divindade *Terno* era representada sob a forma duma telha, duma pedra quadrada ou duma estaca cravada no chão. Era uma maneira engenhosa de divinizar o roubo a terceiros e garantir portanto a propriedade privada tam certo é que as religiões, todas elas, tem sempre santificado a espoliação feita pelas minorias dos homens ao restante dos seus irmãos, e mantido por estes e por outros artificios, as instituições sociais derivadas dessa espoliação.

Na India a oitava encarnação de *Vichnu* chama-se *Jezeus Christina*. Note-se que *Vichnu* representa o sol; que *Jezeus* quer dizer lume e *Christina*, untado.

Ora o lume, o fogo era obtido pela fricção de dois paus, num dos quais os indios faziam uma cavidade, a *madre*, dentro da qual se rolava rapidamente o outro pau até produzir faiscas, chegando-lhe nessa ocasião ervas secas e deitando-lhe azeite, assopravam para a combustão ser mais rápida. Esta maneira de obter fogo não era privativa daquelle povo; outros a usavam. Sabida a grande utilidade que o lume teve para o homem, não admira que os antigos o divinizassem e que dos instrumentos e diversas fazes da operação elles fizessem outros tantos deuses ou objectos de culto. Daqui a origem do seguinte mito entre os indios: *Jezeus* (o fogo) porque aquece, dá vida e queima como o sol, é filho de *Vichnu* (o sol). Foi gerado sob a acção de *Vayu*, o espirito (isto é: o ar que se lhe assoprou para activar a inflamação) e concebido na *Virgem maya*, a madre (a cavidade escavada num dos paus). Pelo azeite, o lume (isto é, *Jezeus*) ficava unguido, untado (querer dizer: *Christina*). E como a cruz, isto é: os dois paus, era obra do homem, como tambem o eram os artificios de que elle se socorria para obter fogo com mais rapidez, o mito figurava dois pais na geração do lume (*Jezeus*): um, *Vichnu* (o sol) e outro, *Tuasti*, o pai terrestre; isto é: o carpinteiro que fabricava a cruz para a obtenção do fogo, e produzira este...

Ora pois, façam os meus dois unicos leitores o confronto com o mito cristão...

A trindade dos cristãos, *Padre, Filho e Espirito Santo* é a trindade dos indios, *Vichnu, o pai; Jezeus, o filho; Vayu, o ar, o espirito*. *Jesus Cristo* é filho de Deus e da *Virgem Maria*; e *Jezeus Christina* dos indios é filho de *Vichnu* (o sol o deus supremo deste povo) e da *virgem Maya* (a *Virgem Maria* do Cristianismo). E para nada faltar, até o pobre *S. José, carpinteiro*, o pai putativo, lá está tambem representado no segundo pai do lume, o *Tuasti*.

Repare-se que Deus vem de *Deva* que em sânscrito quer dizer brilhante. *Deva* era o nome do sol. Logo a religião cristã — é na sua essência, uma religião solar como as outras...

Note-se ainda que os gregos, os egípcios, os persas, os incas, todos se diziam filhos do sol como nós nos dizemos filhos de Deus, do sol tambem por consequência... O nome de deus nestes povos refere-se, em todos elles, ao sol: E' *Phebo* entre os gregos que tambem lhe chamaram *Theos* (o andarilho) por verem este astro correr no céu. *Horus* e *Osiris* lhe chamaram no Egipto os persas deram-lhe o nome de *Ormuz* (o deus da luz). De *Theos*, nasceu *theologia* ou *teologia* a sciência que estuda os attributos de Deus e tudo quanto é divino...

Assim pois, é nula a originalidade da religião cristã; as suas divindades já existiam séculos antes de ella apparecer.

No que foi original foi em mudar-lhes os nomes... As cerimoniaes são as mesmas com outra nomenclatura. Até as festas religiosas não são originaes do cristianismo. O Natal é a festa que em Roma faziam passeando em procissão o menino *Baco* num berço, como filho de *Ceres*, a virgem, a deusa da agricultura; filho que representava o *Sol Nascente*. A procissão era acompanhada de clamores: *Natalis Natalis*, (nasceu-nos um deus).

Era a festa solenizando o solstício do inverno. As nossas festas de *Santo Antonio*, de *S. João* e de *S. Pedro* são as festas que os antigos fazi m em honra do *Sol* celebrando o solstício do verão, nas quais, ainda hoje é costume acender fogueiras que não são senão reminiscências do antigo culto do fogo, do lume, filho do *Sol*.

Entre as cousas que os antigos tinham divinizado pelos benefícios que delias vinham, posso ainda citar o martelo adorado sob o nome de *Martelo* e tambem *Vulcano* o deus ferreiro.

A medicina é endeusada em *Mercurio* (que é tambem o deus do Comercio) e... por singular espirito de verdade... o é igualmente dos *Ladrões!*, *Esculápio*, *Sérapis*, *Minerva*, *Medica* são outros deuses da medicina. *Júpiter*, deus dos deuses, é o sol creador e animador de toda a natureza sem o qual tudo morre; daqui o culto que lhe prestavam os antigos e a sua materialização em estátua. Os cristãos, como já vimos tambem, adoram o sol, seja embora inconscientemente... *Cristo* que morre e resuscita é o sol que se põe e que nasce no dia seguinte; é o sol que esmorece e por assim dizer nos deixa no inverno (em que a natureza parece estiolar-se) para voltar no verão, resuscitado,